

GALEGO-PORTUGUÊS PORTUGUÊS ANTIGO

**Esperança Cardeira
História do Português
(pp.44-56)**

INÍCIO DO SÉCULO XI

- **Afonso VI** durante a guerra contra os muçulmanos, chamou os príncipes dalém dos Pirinéus. Entre eles o **príncipe Henrique** e o seu primo **Raimundo** de **Borgonha**. Os dois príncipes granjearam grande reputação pelo seu valor nas guerras em que entraram, e em prémio dos serviços prestados,
- D. Afonso VI casou sua filha **D. Urraca com Raimundo** – concede-lhe o território de **Galaecia**
sua filha bastarda **D. Teresa ou Tareja** com **D. Henrique** – concede-lhe o território de **Conimbriga e de Portucale**

Conde de Borgonha, o *Bom*.

- Em **1093** D. Afonso atravessou o rio Mondego, tomou **Santarém, Lisboa e Sintra**, dilatando assim o domínio cristão **até ao rio Tejo**. Como o ocidente da península hispânica formava um domínio já bastante extenso para que os seus chefes pudessem tornar-se independentes, pensou em delegar o seu poder para esses lados num homem de confiança. Fez pois de **Raimundo conde soberano de Galiza**, e de **Henrique governador do condado de Portucale**, sob a suserania de Raimundo.

Conde de Borgonha, o *Bom*.

- O território entre o Minho e o Tejo compreendia então três territórios:
 1. o condado de **Portucale**, que ia do Minho ao Douro;
 2. o de **Coimbra**, do Douro ao Mondego;
 3. e o novamente conquistado aos sarracenos, do Mondego ao Tejo, de que D. Afonso fizera governador Soeiro Mendes, com a sede do governo em **Santarém**.

Libertação de D. Henriques da suserania de Raimundo

Este território foi retomado pelos mouros logo em **1095** e parece que este desastre contribuiu para que D. Afonso VI libertasse o conde D. Henrique da suserania de seu primo Raimundo, porque em **1097** já governava independentemente o seu condado, e em **1101** encontrava-se na corte do rei de Leão e de Castela. Estavam, portanto, sossegadas as fronteiras de Portugal, e os muçulmanos, concentrando todos os seus esforços **no oriente da península** e nas fronteiras de Castela, contentavam-se **no ocidente** só com a posse de **Lisboa** e de **Sintra**, que por esse lado limitavam o seu império já tão disseminado. Vendo a Espanha quase tranquila, procurou o conde D. Henrique outro campo em que pudesse empregar a sua irrequieta actividade. Seduziu-o, como a tantos outros príncipes, o movimento das cruzadas.

D. Henrique vence *Hecha* e *Hali Aben Joseph*

- Entre os anos de **1102 e 1104** contínuas expedições demandavam a Terra Santa, e **D. Henrique**, nos primeiros meses de **1103** partiu para o Oriente, donde voltou em **1105**, sem que a historia faça menção dos feitos que praticou, o que se explica por ele ter partido mais como simples voluntário, do que como chefe dalgum poderoso contingente. Desde essa época envolveu-se nas intrigas que tinham por fim ampliar o território que dominava e conseguir tornar-se independente. Continuando a guerrear os moiros, conquistou-lhe mais terras, vencendo o régulo **Hecha** e o poderoso rei de Marrocos **Hali Aben Joseph**. Excelente guerreiro, sábio e prudente administrador, aumentou consideravelmente as terras do seu condado, merecendo o cognome de **Bom**, que a historia lhe deu.

Herança

Afonso VI não tinha filho varão legítimo, por conseguinte Raimundo, marido de D. Urraca, esperava receber a herança, porém, ele morreu, D. Sancho (o seu filho natural) também e ficou a legitima herdeira D. Urraca.

Guerra civil

- Depois da morte de D. Henrique (seu corpo foi trasladado para Braga, e sepultado numa capela da sé), ficou D. Teresa governando o condado de Portucale **na menoridade** de seu filho D. Afonso Henriques, que apenas contava três anos de idade.

Afonso Henriques

D. Afonso I de Portugal, mais conhecido por **D. Afonso Henriques** foi o fundador do Reino de Portugal e o seu primeiro rei, com o cognome *O Conquistador*, *O Fundador* ou *O Grande* pela **fundação do reino e pelas muitas conquistas**. Após a morte de seu pai, Afonso tomou uma **posição política oposta à da mãe**, que se aliara ao nobre galego Fernão Peres de Trava. Pretendendo assegurar o domínio do condado armou-se cavaleiro e **após vencer a sua mãe na batalha de São Mamede, em 1128**, assumiu o governo. Concentrou então os esforços em obter o reconhecimento como reino. Em **1143**, no tratado de Zamora, intitula-se rei, depois da **vitória na batalha de Ourique** contra um contingente mouro, D. Afonso Henriques **proclamou-se rei de Portugal**, com o apoio das suas tropas. . A independência portuguesa foi reconhecida, em 1179, pelo papa Alexandre III, através da bula *Manifestir Probatum* e ganhou o título de *rex* (rei). Com o apoio de cruzados do norte da Europa conquistou Lisboa e Santarém **1147**. Libertou Faro em **1249** Com a pacificação interna, prosseguiu as conquistas aos mouros, empurrando as fronteiras para o sul, desde **Leiria ao Alentejo**, mais que **duplicando o território que herdara**. Os muçulmanos, em sinal de respeito, chamaram-lhe *Ibn-Arrik* («filho de Henrique», tradução literal do patronímico *Henriques*) ou *El-Bortukali* («o Português»).



A RECONQUISTA DA PENINSULA IBERICA (1080 - 1492)



Problemas de investigação

- Limitação: a língua escrita não reflete exatamente a língua falada
- **Documentos literário x não literários**
- Documentos literários:
 - + riqueza linguística, textos poéticos permitem através da métrica e rima análises profundas
 - sobreviveram aos nossos dias à custa das cópias que os foram progressivamente modificando, sendo difícil reconhecer o que é a língua original e o que é a actualização do texto.

Problemas de investigação

- Documentos não literários:

+ sabe-se o lugar e a data do documento escrito, origem do autor – notário responsável pela sua elaboração

+ mais próxima da oralidade apesar dos formalismos inerentes a este tipo de texto

- frequentemente difíceis de interpretar sem o paio de especialistas em paleografia e em outras áreas, como a diplomacia, codicologia, , etc.

Os primeiros séculos da reconquista

- A língua falada ainda não se traduzia na escrita
- **O latim – língua de prestígio** – por isso, os primeiros documentos do Condado Portucalense de D. Teresa e D. Henrique e os do reino independente são de Afonso Henriques.
- O latim, apesar de ser língua de prestígio, era muito simplificado e pronunciado de uma forma muito próxima do romance falado, o que permitia compreensão mesmo por aquelas pessoas que não tivessem capacidade de se exprimirem em latim.

Os primeiros textos escritos em língua portuguesa surgem no século XII.

O latim deixou de ser usado como a linguagem tabeliônica (notarial) e assim, foi sendo substituído pela língua portuguesa. Assim, **os primeiros textos escritos em língua portuguesa surgem no século XII.**

Ao passo que **em França** os mais antigos documentos linguísticos têm quase todos **origem eclesiástica,**

X

em Portugal têm **origem jurídica.** São escrituras de compra, cartas de doação, testamentos e outros..

Os documentos mais antigos escritos em Português

- Do século **IX** até ao século **XII** conservou-se um grande número de **documentos latinos** de Portugal em que aparecem **palavras porquguesas** em grafia latinizante. Consistuem **os primeiros vestígios** da língua portuguesa.
- **Portugaliae Monumenta Historica (diplomata et Chartae)** contêm **952** documentos.

1143 -o Reino de Portugal torna-se num estado independente

- Os primeiros documentos escritos em **Língua Portuguesa** relacionam-se com o ano de **1143** quando o Reino de Portugal se torna num **estado independente** e quando nos paços portugueses florescia uma **literatura** em parte importada, em parte autóctone.

GEOGRAFIA DOS OUTROS DOCUMENTOS

- A maioria dos documentos: **entre Douro e Minho**
- um título de compra – 1262 – Porto
- outras regiões com documentos linguísticos: a Beira, Lisboa, Évora, Lagos, Loulé, Albufeira.

DOCUMENTOS DO NORTE DE PORTUGAL

- O documento **mais antigo em língua portuguesa**, oficialmente, é ***Auto de Partilhas*** de 1192 (1230).
- O segundo documento mais antigo em língua portuguesa é (era 1231) **um pequeno testamento de 1193**
- O terceiro documento mais antigo em LP, e o mais extenso, é o ***Testamento do rei D. Afonso II*** de 1214.

Testamento do rei D. Afonso II

Assim à primeira vista pode não parecer, mas o texto da imagem acima, datado de 27 de Junho de 1214 (ou seja, «III.or dias por andar de junio, E(r)a M.^a CC.^a L^a II.^a»), não esquecendo de fazer o desconto de 38 anos do calendário da era hispânica...), é considerado o primeiro documento oficial escrito em português.

Neste texto de D. Afonso II é utilizada oficialmente uma língua já falada pelo povo e distanciada do latim. Passados oito séculos, a versão ortográfica actual do início desse documento seria esta:

in <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html> [consultado em 27-06-2014]

Testamento do rei D. Afonso II

« En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temëte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda p(er) q(ue) de pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mãdo q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino integram(en)te e en paz. E ssi filio barõ ñõ ouuermos, a maior filia q(ue) ouuermos agia'o [...]»

«Em nome de Deus. Eu rei dom Afonso pela graça de Deus rei de Portugal, sendo são e salvo, temente o dia de minha morte, a saúde de minha alma e a prole de minha mulher rainha dona Urraca e de meus filhos e de meus vassalos e de todo meu reino fiz minha manda para que depois da minha morte minha mulher e meus filhos e meu reino e meus vassalos e todas aquelas coisas que Deus me deu em poder estejam em paz e em folgança. Primeiramente mando que meu filho infante dom Sancho que hei da rainha dona Urraca haja meu reino integralmente e em paz. E se este for morto sem semente, o maior filho que houver da rainha dona Urraca haja o reino integralmente e em paz. E se filho barão não houvermos, a maior filha que houvermos o haja [...]»

A linguagem tabeliônica

- muito oficial, pouco nos diz sobre a linguagem corrente daquela época, é uma linguagem de uma comunidade mais restrita, demasiado tradicional e convencional nas suas formas e expressões.
- é valiosa para a datação de certos fenómenos fonéticos ou pelo menos de determinadas particularidades ortográficas.
- seria importante averiguar a sede das várias chancelarias em que os documentos foram redigidos e saber a naturalidade e condições de vida do tabeliães para podermos esclarecer a geografia dos fenómenos fonéticos e morfológicos que surgem nos documentos: acontece que nem sempre o local onde os manuscritos foram descobertos se identifica com a terra natal do escrivão .

Escritura da Fundação da Igreja de Lordosa - Viseu



Escritura da fundação da Igreja da Lordosa

- escrito em 882, em Latim
- *moastica* – em vez de *monastica* (síncope de n)

monastica monastica monastica



século XIII

No século **XIII**, no início do Reinado de **D.Dinis**, a Chancelaria Régia adopta o **Português** como **Língua de escrita**. Surgem:

- ***O Testamento de Afonso*** - 1214
- ***A Notícia de Torto*** 1234/1236/1243/1252/1253
- ***Notícia de Fiadores*** – 1175
- ***Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais***
1173-1175

Os primeiros textos em português

- Os primeiros textos conhecidos, escritos em português, são a *Notícia dos Fiadores* descriminando as dívidas de Pelágio Romeu, datado de 1175, a *Notícia do Torto*, que trata das malfeitorias de que foi injustamente vítima Lourenço Fernandes da Cunha, escrito por volta de 1214 e o *Testamento de D. Afonso II*, datado de 27 de junho de 1214. Nessa época era também corrente a escrita em latim.



Notícia dos Fiadores

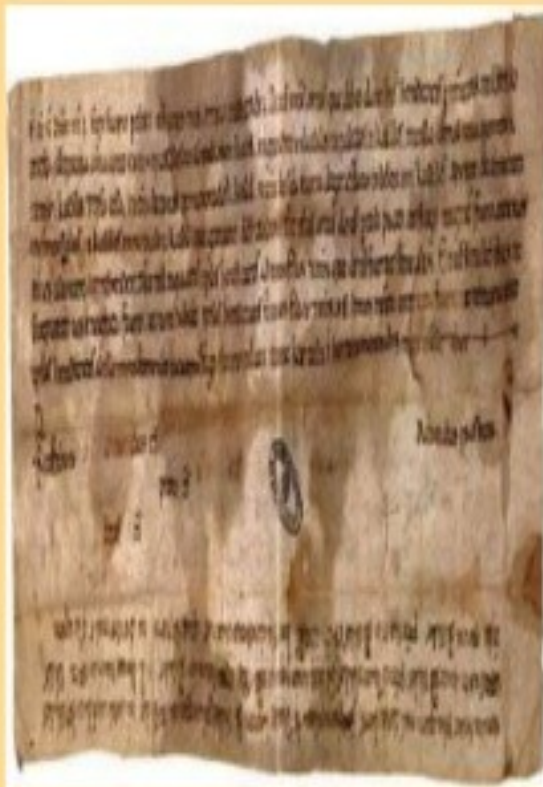


Testamento de D. Afonso II



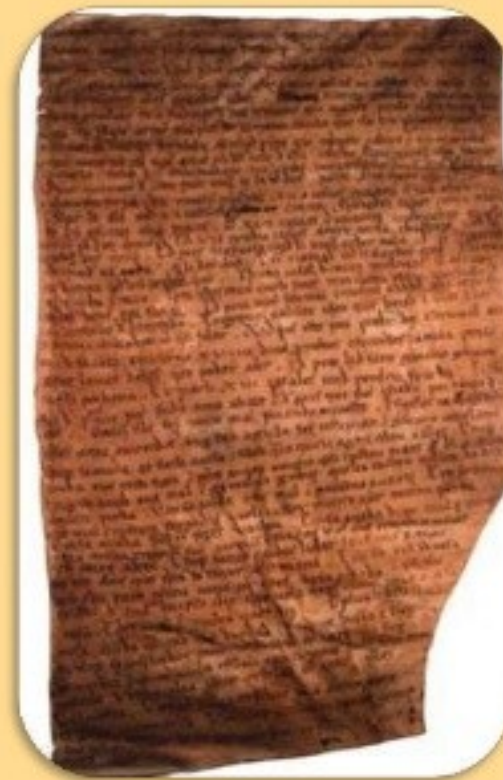
Notícia do Torto

De princípios do século XIII, são também conhecidos outros dois textos originais escritos em português - a **NOTÍCIA DE FIADORES (1175)** a **NOTÍCIA DE TORTO (1214)**.



Notícia de Fiadores

(notícia de fiadores discriminando dívidas de Pelagio Romeu)



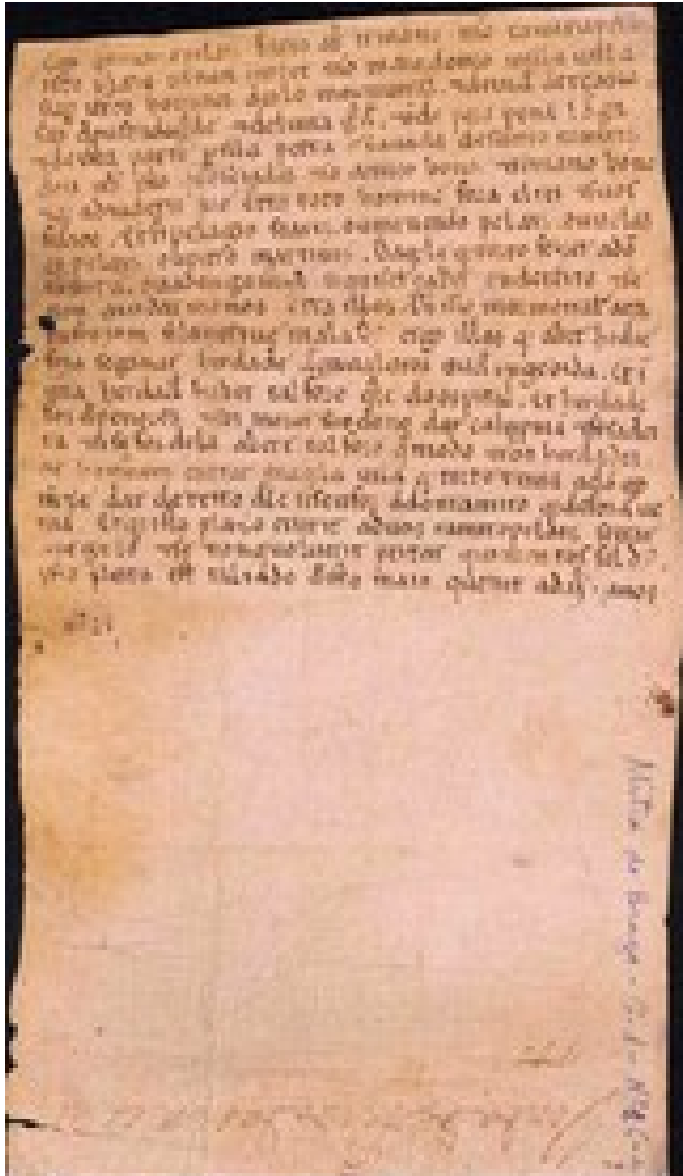
Notícia de Torto

(notícia das malfetorias de que foi injustamente vítima Lourenço Fernandes da Cunha)

O Pacto dos Irmãos Pais, um dos mais antigos escritos portugueses

- Em 2002, o galego José António Souto, professor de História da Língua na Universidade de Santiago de Compostela, descobriu e publicou um antiquíssimo texto com um pacto de apoio mútuo entre dois irmãos em caso de agressão externa. No verso do pergaminho encontrado consta a data de 1175.
- **O documento foi então anunciado por parte da imprensa como um achado histórico pois, se a data anotada no verso de fato for a de escrita do pacto (o que não se pode afirmar com certeza), tratar-se-ia possivelmente do mais antigo texto conservado até hoje escrito (segundo seu descobridor) na língua galego-portuguesa; roubaria o título, portanto, do testamento de dom Afonso II (rei de Portugal), redigido em 1214 e tradicionalmente considerado o mais antigo texto escrito no que viria a ser a língua portuguesa**
▪
- A verdade é que, diferentemente do testamento do rei Afonso II, é bastante discutível se o pacto entre os **irmãos Gomenze Pelaiz e Ramiro Pelaiz** (que a imprensa portuguesa “atualizou” a “Gomes Pais e Ramiro Pais”, razão pela qual o texto é por vezes chamado “*Pacto dos Irmãos Pais*”) de fato foi escrito **em galego-português, ou se se tratava ainda de um “latim popular”, ou de um híbrido entre o latim e o que viria a ser o português.**
- Sendo este o caso, **o Pacto dos Irmãos Pelaiz (ou Pais)** não pode ser considerado o primeiro nem o mais antigo documento de seu tipo. Desde **a chegada dos romanos à região dos atuais Galiza e Portugal, no primeiro milênio de nossa era, o latim foi-se modificando ano após ano, evoluindo em direção à língua que falamos hoje, e que apenas em 1536** (já depois, portanto, do descobrimento do Brasil) **ganharia a sua primeira codificação escrita sob o nome atual** (a “*Grammatica da lingoagem portuguesa*”).

„Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais“, ou “Pacto dos Irmãos Pais” (Pelaiz), possivelmente escrito em 1175:



Ego gomenze pelaiz facio a tibi irmano meo ramiru pelaiz isto plazo ut non intret meo maiordomo in illa uilla super uostros homines deslo mormuiral.

& de inde ãtre as ca sas dousenda grade & deluira grade. & ãde pora pena lõga

& de ista parte perilla petra cauada de sueiro ramiriz dou uobis isto que seiades meo amico bono.

& irmano bono

& que adiuderis me contra toto homine fora el rei

& suos filios.

& si pelagio soariz. ou menendo pelaiz. ou uelas co pelaiz. ou petro martiniz. Daquele que torto fezer a dõ ramiru. ou a don gomeze si quiser caber en dereito & se non ajudarmonos contra illos. Des illo mormoiral ata en frojom non lauer iure mala Dos ergo illos que abet hodie fora se ganar herdade de gaualeiros ou de engeoida. & ã uostra herdade habet tal foro quale dóóspital.

& herdade for de penores & ibi morar suo dono dar calupnia & fosadei ra

& si se for dela abere tal foro quomodo uostros herdades. Se hominem entrar enaquela vila que torto tenia a dõ go meze dar dereito dele si seu for de don ramiro quen de fora ue nia. & quen isto plazo exierit ad uos ramiro pelaiz se erar coregelo & se non q uoluerit peitar quinientos soldos. jsto pleito est taliado de isto maio q venit ad .ijs. anos

Documentos literários

Ao mesmo tempo, floresce a **produção literária, poética, trovadoresca**, escrita não numa linguagem diferente, mas estilizada numa **língua falada** dos dois lados do rio Minho e perpetua **arcaísmos** e **convencionalismos** literários. Surgem **mais de 1500 poemas** trovadorescos, produzidos entre finais do **século XII** e a primeira metade do séc. **XIV** e que foram conservados em três cancioneiros: **d´Ajuda, d´Escarnho e Maldizer, d´Amigo**.

Português antigo x Galego-português

- Por Português Antigo entenda-se o período da história do português que se inicia com os primeiros documentos escritos em **língua vulgar** e que se prolonga **até finais do século XIV ou meados do século XV**. É a língua de **Afonso Henriques** e de toda a primeira dinastia. A fase do Português Antigo (e até ao Renascimento) corresponde **ao Período Fonético**.
- Galego-Português – é a expressão que deva ser reservada para a **produção poética**, distinguindo-se do Português Antigo que se vai transformando e distanciando dos outros domínios portugueses.

o Português Antigo =
o Período Fonético

A característica principal deste período é a

LIBERDADE GRÁFICA

Os escribas adaptavam velhas grafias para representar os novos sons, sendo que surgiam novas grafias. As soluções variavam de escriba para escrita, de documento para documento:

Notícia de Torto x Testamento de D-Afonso

- **Notícia de Torto** – os notários esforçavam-se por verter num modelo latino os novos fonemas – o resultado +e uma escrita individualizada oscilando entre formas latinas e romances.
- **Testamento de Afonso II** – produzido em português mais estável, com o nível mais nivelado.

Testamento de Afonso II e Notícia de Torto

A análise dos dois documentos permite observar

duas tradições diferentes:

1. no caso da *Notícia de Torto*, vê-se que o trabalho é um fruto de notários, que, isolados, **tentam verter** no modelo latino os **novos fonemas** da língua que ouvem. Assim surge uma **escrita individualizada**, oscilando entre formas latinas e romances.
2. no caso do *Testamento de Afonso II*, que foi produzido numa . Chancelaria régia, atesta-se um **ambiente mais estável** , escolhas e convenções mais niveladas, constituição de **normas gráficas**. é o primeiro documento régio, de que foram feitas treze cópias, de que restaram duas: uma conservada em Lisboa, outra em Toledo. Muito frequentemente, as duas cópias são objecto de análises diacrónicas. Existem variações embora não tão radicais e frequentes como na *Notícia de Torto*.

Exemplificação: palatal nh

Notícia do Torto:

quinione (quinhão) = část, podíl, dědictví, uskupení pěti

1. quinõ

2. quiniõ

3. quinnõs (no latim não existia ã, õ, nem nh – por isso, os escribas hesitam entre: n, ni, nn)

Testamento de Afonso II:

senior, tenio, Junio – apenas uma versão: -ni-

vocalismo

a abundância de sequências hiáticas resultantes da síncope das **oclusivas sonoras** e de **-n-** e **-l-** intervocálicos:

- VIDI VI-I VI
- SOLO SO-O SÓ
- TELA TE-A TEIA
- VINU Vĩ-U VINHO
- MANU MÃ-O MÃO
- MANOS MÃ-OS MÃOS
- PANES PÃ-ES PÃES
- LEONES LEÕ-ES LEÕES

Vocalismo – terminações nominais e verbais

as terminações nominais e verbais – não existia o ditongo /ãõ/.

anu = ão /manu = mão/

ane = ãe /panem=pãoe/

ant = ã /catabant /cantavã/

one = õ /coratione=coraçõ/

unt = õ /sunt = sõ/

Vocalismo – terminações nominais e verbais

anu = ão / **manu = mão/ mãos** *hoje mão/mãos*

ane = ãe / **panem = pã/pães** *hoje pão/pães*

ant = ã / **catabant / cantavã** / *hoje cantavam*

one = õ / **coratione = coraçõ/corações** *hoje
coração/corações*

unt = õ / **sunt = sõ** / *hoje são*

O SISTEMA CONSONÂNTICO

NA SEQUÊNCIA DE HIATOS LATINOS ATRAVÉS DA DITONGAÇÃO TINHA SURGIDO UMA SEMIVOGAL PALATAL QUE, EM CONTACTO COM ALGUMAS CONSOANTES, AS **PALATELIZOU**:

TI + vogal = **ç** tertiu – ter[tju] - ter[tsj]o- ter[ts]o - terço

CI+vogal= **ç** facio - fa[tsu] – faço

CE = centu – [ts]entu – cento

MAIS TARDE: SONORIZAÇÃO:

pretiare- pre[ts]ar – pre[dz]ar

novos elementos distintos

duas africadas predorsdentais TS/DZ e duas fricativas apicoalverorares s',z'

CERVO [ts]ervo

COZER co[dz]er

SERVO [s]ervo

COSER co[z]er

PASSO pa[s]u

novos elementos distintos

- O Testamento de Afonso II – sistemática **distinção entre africadas e fricativas**
- /ts/ c, ci
 - arcebispo, gracia (Lisboa)
- /dz/ x z
 - fazer, treze (Toledo)

Embora a ortografia portuguesa conserve a distinção gráfica (e o chamado 's beirão' seja o continuador do s apical latino), ela deixou de ter correspondência no plano fonológico na maior parte dos dialectos do Português. É precisamente por isso que, agora, se ouvirmos uma palavra desconhecida não sabemos se devemos escrevê-la com <s> ou <c>.

outros 4 fonemas

[ʃ]

paSSione - pa[SJ]one - pai[ʃ]ão

-

[ʒ]

baSIu- ba[ZJ]u - bei[ʒ]o

[tʃ]

PLanu, CLave, FRagrare = [tʃ]ão, [tʃ]ave, [tʃ]eirar

[dʒ]

GEnte = [dʒ]ente

A africada palatal sonora [dʒ] GEnte e [ʒ] baSIu convergem ainda no período de Português Arcaico. A africada [tʃ], por outro lado, conserva-se ainda no dialecto setentrional do português.

Morfologia

o **gênero** de alguns nomes não correspondiam o o de hoje:

Exemplificação:


linguagem, linhagem – masculinos

dor – ambos os gêneros

valor, fim – femeninos

senhor, português, espanhol – não existia a marca do feminino /a senhor branca e vermelha/ – o gênero era distinguido **pelos determinantes** ou **modificadores**.

Cantiga de Garvaia



No mundo nom me sei parelha
mentre me for como me vai,
ca ja moiro por vós e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia.
Mao dia me levantei
que vos entom nom vi fea!

E, mia senhor, des aquelha
me foi a mi mui mal di'ai!
E vós, filha de dom Paai
Moniz, e bem vos semelha
d'aver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vós ouve nem ei
valia d'ũa correa!

- **Cantiga da Ribeirinha**, ou **Cantiga de Guarvaia**, é o primeiro texto literário em língua galaico-portuguesa de que se tem registro.
- Apesar de ser considerada a primeira cantiga trovadoresca sua data de composição ainda é muito discutida, tendo estudiosos que dizem ela foi criada em 1189 ou 1198, enquanto outros não admitem que sua criação possa ser antes de 1200. Foi composta por Paio Soares de Taveiró, e recebeu esse nome por ter sido dedicada a D. Maria Pais Ribeira, concubina de Sancho I de Portugal, apelidada de "Ribeirinha".
- Segue, abaixo, o poema que serve como modelo das cantigas de amor do Trovadorismo galego-português (possui o eu-lírico masculino), pois fala de um amor platónico do poeta, pequeno fidalgo, por uma mulher nobre e inacessível. Seu gênero é cantiga de amor.

pronomes possessivos

duas séries de possessivos:

TÓNICOS – ambas as posições

minha, tua, sua (uma ordem sua, sua ordem)

x

meum, teum, suum (seum)

ÁTONOS – antecede sempre o substantivo (existem até o séc.XV)


m(h)a, ta, sa (sa ordem)

x

mou, tou, sou

FLEXÃO VERBAL – 2ª pessoa de plural

- O **-t-** intervocálico **sonorizou-se**, assim todas as formas da 2ª pessoa do plural apresentava, no Português Antigo, **-d-**: *amades, faredes, ouvides*.
- O **d** acabará por **sincopar** até ao **século XVI**. Mas ainda, no início do século XV, atrenam as formas sincopadas e não sincopadas: *ajades // ajaes*.
- **Em meados do século XVI** o processo de sincopização está generalizado (hoje temos *mandae – mandai, dormides – dormies – dormis*), embora sobreviva **em galego** e em dialectos setentionais portugueses.
- Foram poucas as formas que resistiram ao **apagamento do – d-** : hoje temos apenas *tendes, ledes, ide* – estas formas conservaram-se porque da síncope provavelmente resultariam monossílabos ou homomorfia com a segunda pessoa do singular.



No mundo nom me sei parelha
mentre me for como me vai,
ca ja moiro por vós e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia.
Mao dia me levantei
que vos entom nom vi fea!

E, mia senhor, des aquelha
me foi a mi mui mal di'ai!
E vós, filha de dom Paai
Moniz, e bem vos semelha
d'aver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vós ouve nem ei
valia d'ũa correa!

particípio passado – ado, -udo, -ido

Havia, no Português Antigo, três terminações:

-ado, -udo, ido:

amado, avudo dormido

Mas: a 2^a conjugação **-ere** e a 3^a conjugação em **-ere**. alguns verbos passaram à 2^a e outro à 3^a conjugação, o que levou a uma certa instabilidade:

requerer, caer, confonder, finger, tinger, traer

mudaram para:

requerer, cair, confundir, fingir, tingir traír.

Daí os participípios diferentes. Os verbos da 2^a conjugação, por analogia, passaram, até ao século XVI, a adoptar as desinências verbais participiais da 3^a conjugação. Até hoje mantiveram-se **conteúdo, teúda, manteúda**.

a 1ª p.sg. do indicativo de alguns verbos

ARDIO, SENTIO, AUDIO, PETIO

ARÇO, SENÇO, OUÇO, PEÇO

duas evoluções:

1. regularização: arço - ardo, sentio- sinto
2. antiga variação. ouço, peço

verbos em *-scere*:

modificação analógica

conhosco**, pare**esco** – conheço, pareço**

haver, ter

haver

posse de bens e qualidades inalienáveis: ***haver nome***

X

ter

posse provisória: ***ter um livro***

O verbo *ter*, no Português Antigo passa a substituir também o significado de *haver*. ***Haver*** torna-se o verbo existencial ou auxiliar.

Ao mesmo tempo, a **concordância** do participios com o objecto (havia vistas as coisas) passa a ser a de participio com o sujeito (havia visto as coisas).

ESSE, SEDERE, ESTARE

sedere

(estar sentado – sedět) convivia com

estare

(stare = estar de pé = stát)

esse

(ser= být)

ESSE, SEDERE, ESTARE

sedere – confunde-se com **esse** – no sentido de ser.

sejo=estou sentado, sou

(sejo, sees, see, seemos, sedes, seem)

Confunde-se SEDERE e ESSE

o **indicativo** de **esse** substitui o de **sedere**:

(sum, es, est, sumus, sutis, sunt – sou, és, é, **somos**, sois, são)

o **conjuntivo** é de **sedere**: (sedeam =seja, sedeamus =sejamos).

Vale a pena demorarmo-nos um pouco na análise de algumas formas que tiveram percursos singulares e que mostram como pode ser complexa a história de uma palavra. É o caso do verbo *ser*, com origem no Latim SEDERE, que significava, inicialmente, 'estar sentado' e que convivia com *estar* < STARE, 'estar de pé' e ESSE, 'ser'. Mas, ainda no Português Antigo, *seer* ocorre, também, com o sentido de 'ser'. No indicativo presente, por exemplo, *sejo* (e *sees*, *see*, *seemos*, *sedes*, *seem*) tanto podia significar 'estou sentado' como 'sou'. Cedo se fundiram SEDERE e ESSE e o actual verbo *ser* resulta do cruzamento dos dois étimos: o indicativo presente de ESSE substituiu o de SEDERE (*som* > *sou*, *es*, *é*, *somos*, *sodes* > *sois*, *som* > *são*) mas o conjuntivo presente tem origem em SEDERE (*seja*, *sejamos*).

homem e outras expressões indeterminadas

homem como sujeito indeterminado (někdo) e outras expressões indeterminadas caíram em desuso:

homem – alguém

hu – onde

er, ar – do mesmo modo

adur – dificilmente

adrede – directamente

ensembra – juntamente

asinha – rapidamente

ende – disso, nisso

rem – nada

acá, acó – neste lugar

alá, aló – naquele lugar

porende – porém

colocação dos pronomes átonos ou clíticos

- No **Português Antigo**, o pronome átono podia surgir **antes** ou **depois** do verbo. A ênclise era, contudo, mais frequente. A inversão era excepcional e transmitia ênfase.
- A **próclise** tornava-se mais frequente entre os séculos **XIII e XVI**, perdendo a sua carga enfática. E assim foi transportada também para o Brasil nos tempos da expansão ultramarina – daí a gramática proclítica do **Português do Brasil**.
- A partir do século **XVI**, o Português começa a preferir, outra vez, a **ênclise**.

Colocação dos pronomes átonos

ÉNCLISE



IX-XII



deu-me

PRÓCLISE



XIII-XIV (PB)



exemplificação

me chamo

ÉNCLISE



XV-XXI



digo-te

- <https://www.youtube.com/watch?v=au2pJe7pw9Y>
- <https://www.youtube.com/watch?v=iCOreBJXOZk>